

**CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
JORNALISMO**

**AOS OLHOS DO OCIDENTE: COMO A GRANDE MÍDIA RETRATA O
CONFLITO DOS REFUGIADOS DO ORIENTE MÉDIO**

**Orientanda: Isabella Bedin
Orientador: Prof. Dr. Eduardo Louis Jacob**

RESUMO

Esse artigo mostra de que maneira a grande mídia Ocidental retrata e entrega à população uma visão enviesada sobre os acontecimentos, realidade e crise dos refugiados provenientes do Oriente Médio. Com falta de recursos e informações factuais providas do local, somos bombardeados por informações que vêm de uma fonte única - com ponto de vista ocidentalizado e parcial dos fatos - o que acaba transmitindo uma visão, pré-julgamento e educação errônea acerca da realidade local.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia. Ocidente. Oriente Médio. Refugiados.

ABSTRACT

This article shows academically how Western media portrays and passes on the population a skewed view of events, reality and crisis the Middle East's refugees. Lacking resources and factual information from the site, we are bombarded by information that comes from a single source - with a Westernized and partial point of view of the facts - which conveys a vision, pre-judgment, and erroneous education about the local reality.

KEYWORDS: Media, Western, Middle East, Refugees.

1. INTRODUÇÃO

O deslocamento forçado de pessoas atingiu um nível sem precedentes, com acelerado crescimento em 2014, batendo até mesmo o recorde de refugiados por guerras, perseguições ou conflitos que ocorreram durante a 2ª Guerra Mundial.

Da impressionante cifra de 59,5 milhões de pessoas forçadas a deixarem suas casas, 19,5 milhões eram refugiados, 38,2 milhões deslocados internos e 1,8 milhão de solicitantes de refúgio, segundo dados da Agência da ONU para refugiados (ACNUR).

Desde então, a Síria é o país com o maior número de refugiados (3,88 milhões), seguido do Afeganistão (2,59 milhões) e da Somália (com 1,11 milhão). Mais de metade dos refugiados globais (cerca de 53%) vem apenas desses três países em questão.

Ainda segundo a ACNUR a maior concentração de refugiados atualmente é proveniente do Oriente Médio, seguido da África.

Sendo assim, o mundo vem voltando seus olhos a esses refugiados, principalmente aqueles oriundos do Oriente Médio que, por suas raízes, culturas, traços físicos e religião se destacam em meio aos países que os recebem.

Nesse contexto contemporâneo de imigração em massa, é importante que a população global compreenda a complexidade que é a vida de um refugiado, principalmente de origem islâmica.

As informações que nos são transmitidas sobre os muçulmanos são elaboradas pela mídia ocidental (não temos acesso às agências do Oriente Médio relatando o outro ponto de vista) que é acusada muitas vezes de querer chocar ao invés de informar.

Além disso, hoje somos bombardeados por um grande número de informações esparsas, que nos chegam através da mídia que impregna nosso cotidiano e influencia a nossa construção de espaço e tempo, modificando nossa relação com o real. Esse movimento influencia nossa forma de pensar, nossos comportamentos e até mesmo como adquirimos o conhecimento.

O objetivo desse trabalho é analisar a influência da grande mídia Ocidental¹ e de que maneira ela elabora as informações sobre os refugiados do Oriente Médio e nos transmite, já que estamos recebendo notícias de agências que praticamente detém o monopólio dessas informações, como a Reuters, Associated Press e Agência Brasil. Além disso, busca-se analisar e levantar hipóteses se haveria outra forma de conceber tais mensagens.

2. COMPREENDENDO O ISLÃ

Para melhor compreender esses refugiados – sua realidade, tradições, crenças e costumes – inicialmente é necessário entender sua história e construção social, que andam lado a lado com sua principal religião: o Islã.

O Oriente Médio, berço do islamismo, reverencia uma história de mais de 2 mil anos onde e, ainda hoje, há uma evidente conexão entre o antigo e o contemporâneo. A região

¹ Grande mídia é uma expressão usada para designar uma mídia de massa que influencia um grande número de pessoas, refletindo correntes de pensamento dominantes.

foi e ainda é muito influenciada por fatores externos a ela, onde costumes estranhos às tradições nativas foram trazidos principalmente da Europa e da América.

Assim sendo, há diversos indivíduos, tanto conservadores quanto radicais que desejam ampliar um movimento de “marcha à ré” ao que consideram o impacto da civilização ocidental como o maior desastre que se abateu sobre a região.

O islamismo é a última das três grandes religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo e islamismo) a nascer. Para os mulçumanos, Maomé (570 d.C.) foi o último profeta de Deus- Allah- em uma longa linhagem que se inicia em Adão, passando por Noé, Abraão, Moisés, Davi, Salomão, João Batista e Jesus Cristo.

Diversos princípios do islamismo provêm de suas religiões irmãs- cristianismo e judaísmo- como o culto aos mortos, o juízo final, a circuncisão e, principalmente, o conceito de um Deus absoluto, justo e amoroso. Os Dez Mandamentos também são válidos para os mulçumanos.

A palavra *islã* significa submissão, uma vez que Alá ordena obediência, tanto de seus súditos quanto às suas regras e desejos. O livro sagrado para os que seguem o islamismo é denominado Corão.

Para seus fieis, Deus não dá à luz e nem nasceu, ele apenas dá a vida, causa a morte, traz o bem, causa aflição e provê o sustento a sua criação. Alá é único e não há nada igual em suas qualidades e habilidades, bem como no conhecimento e poder. Dessa maneira, toda adoração deve se voltar a ele e ninguém mais. A ruptura desses conceitos negaria qualquer base da religião.

Para o Islã tudo pertence a Deus. Sendo assim, os homens não são donos de sua vida, de seus bens e nem do planeta. De acordo com o professor egípcio Helmi Nasr, diretor do Centro de Estudos Árabes da Universidade de São Paulo, o islamismo “propõe uma existência ética em que todos são responsáveis diante de Deus. ”

Como visto acima o Islã tem o seu teor religioso, no entanto possui também uma doutrina moral e política. Como em boa parte das religiões cristãs, o islamismo acredita na crença do juízo final.

Na atualidade, o Islã tem sido alvo de inúmeras críticas. A origem dos conflitos árabes israelenses é remota e não coesa.

Começou muito lentamente, e de uma forma não linear, a tomar corpo a ideia que a Palestina não era apenas uma região geográfica, mas berço de uma nova nacionalidade árabe. Infelizmente, para os palestinos, seu destino político continuou a depender das decisões de outros países árabes,

Europa, África Ocidental, Estados Unidos e Brasil.
(COGGIOLA, 2016)

As razões para essa explosão são diversas: as taxas de natalidade nos países islâmicos são altas, o materialismo contemporâneo intensifica a busca de espiritualidade e transcendência (o que multiplica as seitas e religiões) e a filosofia islã tem um carisma característico- ela se propõe como síntese do judaísmo e do cristianismo, pregando ética, tolerância e responsabilidade social.

No entanto, contrariando sua doutrina central, o islamismo também cresce em relação à intolerância e extremismo religioso, o que acaba por prejudicar e deturpar sua imagem, sobretudo no Ocidente. Correntes radicais fundamentalistas têm se espalhado e rejeitam violentamente os valores modernos e estimulam movimentos terroristas.

Polêmico, mas também adorado, o Islã inspira ao menos 41 países e diversas tendências ao redor do mundo todo, tanto ao se tratar de escolas, quanto de movimentos, expandindo cada vez mais.

O fundamentalismo que vem se difundindo nas últimas décadas ao redor do mundo, no entanto, não é uma exclusividade do islamismo, mas sim uma tendência comum a todas as religiões. Ele surge como uma espécie de “volta às origens” e ainda há grande desentendimento acerca do tema.

Inicialmente, há uma grande confusão ao identificar o xiismo como sinônimo de fundamentalismo. Dentro da religião 90% são sunitas (seguidores da sunna), que defendem os califas sucessores de Maomé. Os outros 10% são compostos por xiitas (seguidores da shi'at) e defendem Ali, marido de Fátima, filha de Maomé, como herdeiro espiritual de seu sogro. O que ocorre é que o martírio dos filhos de Ali, nos anos 680, deu origem ao culto xiita de maneira intensa e apaixonada, diferentemente da sobriedade sunita. (COGGIOLA, 2016)

Foi com a Revolução Iraniana de 1979, liderada pelos xiitas, que o sentido da palavra xiita se transfigurou e se tornou sinônimo de fanatismo para os meios de comunicação- principalmente os Ocidentais.

No entanto, que fique claro que da mesma maneira que existem sunitas radicais e fundamentalistas capazes de jogar bombas, existem xiitas pacíficos que desejam apenas seguir a sua doutrina em paz.

Mas tais comportamentos não deixam de nos mostrar que o islamismo é uma das religiões que mais vem crescendo no mundo. E isso não somos nós quem estamos dizendo, e sim vários estudos e matérias que vem sendo publicadas

2.2 ISLÃ: A RELIGIÃO QUE MAIS CRESCE

O último censo Mundial realizado pela ONU, notou que o Islamismo é a religião que tem mais crescido.

Com mais de ¼ da população mundial sendo muçulmana. As populações com o maior número de muçulmanos são a Indonésia (202 milhões), Índia (cerca de 180 milhões), Paquistão (174 milhões) e Bangladesh (145 milhões). (COGGIOLA, 2016)

Boa parte do atual crescimento deve-se aos islâmicos que são extremistas e radicais, como os pertencentes ao grupo Estado Islâmico, o que acaba por atrair atenção negativa para a região.

2.3 O ISLÃ E O TERRORISMO

Mesmo compreendendo a religião, é comum unir o Islã ao terrorismo, no entanto essa associação é errônea e não deve ser feita e disseminada, pois aumenta o xenofobismo e preconceito relacionado a seus praticantes.

A cultura muçulmana nos remete ao século VII, quando foi disseminada pela Arábia, Europa, Ásia, Índia e África, onde os árabes difundiram não somente aspectos religiosos, mas cálculos matemáticos, conhecimentos de física e astronomia, literatura, música, dança, teatro, os arabescos que se revelam na arquitetura, nos tapetes e tecidos. Mas, é certo que grande número de ataques terroristas da atualidade são atribuídos a grupos extremistas do Islã.

Com a intenção de intimidar, os extremistas agem através do medo a partir do uso não oficial e não autorizado de violência na busca de propósitos políticos.

O terrorismo como o conhecemos hoje, possivelmente remonta à metade do século XIX, quando um revolucionário italiano, Carlo Pisacane, propôs que o terrorismo poderia transmitir uma mensagem para uma plateia e chamar sua atenção para uma causa além de conquistar também seu apoio. Mas uma coisa é certa, desde os horríveis eventos de 11 de setembro de 2001, o terrorismo passou a fazer parte dos pensamentos de muita gente que antes, provavelmente, nunca havia pensado nele. (WILLIAMS, 2010)

Utilizando-se desse princípio, tivemos no século XXI, organizações bem estruturadas, como Al – Qaeda, Hamas, Hezbollah e o Estado Islâmico. Mas, certamente existem milhares de seguidores dos princípios do Islã que não se identificam com essa forma de atuação.

A chamada Primavera Árabe, que começou no final de 2010 quando o ditador da Tunísia foi derrubado, incentivou vários outros países a fazerem o mesmo, como a Síria que entrou então em guerra civil contra o ditador Bashar Al-Assad.

A repressão governamental na Síria fortaleceu o Estado Islâmico no país, onde milhares de homens armados, enfrentando tanto o governo como os rebeldes, instalaram-se desde 2014. Dessa forma, Síria é um país cujo número de refugiados supera cinco milhões, segundo a Acnur. Em guerra civil desde 2011, inúmeras pessoas abandonam seus lares tentando salvar suas vidas. Constantemente somos abordados por imagens que nos revelam o desespero desses refugiados.

Imagem 1. A foto do turco Aylan Curdi choca o mundo



Fonte: Associated Press, Disponível em:

<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html> Acessado em: 01/06/2017

A imagem inerte do pequeno Aylan Kurdi, com sua blusa vermelha, sua bermuda azul, seus três aninhos de idade e seu corpo de bruços na praia turca de Bodrum, chocou o mundo no dia 3 de setembro. O choque durou alguns dias, rendeu destaques na mídia e, como de costume, passou. Morreu e foi enterrado, junto com o próprio Aylan.

Com o nascimento de Israel, a questão dos refugiados palestinos cresceu de importância política.

A ONU possui duas agências que tratam de refugiados. A United National Refugee and Works Agency (UNRWA) está encarregada de prover educação, saúde,

serviços sociais e ajuda emergencial aos refugiados palestinos que vivem na Jordânia, Líbano, Síria, Cisjordânia e Faixa de Gaza. A outra agência da ONU é encarregada de tomar conta de todos os outros refugiados nos quatro cantos do mundo, a United Nations High Commissioner for Refugee Agency (UNHCR). (ZAVERRUCHA, 2010)

Devido à essa ampla atuação da ONU, torna-se ineficiente sua ação. Os refugiados sírios encontram abrigo em países europeus, já que necessitam de visto para entrar em quase todos os países árabes. Apenas Argélia, Mauritânia, Sudão e Iêmen permitem a entrada sem visto. Portanto, os sírios não são recebidos pelos países que comungam os mesmos valores, enfrentando o abandono de seus princípios e de seu cotidiano baseado em legados do mundo árabe.

O termo refugiado é usualmente definido por caracterizar alguém que foi obrigado a abandonar seus país. No caso, 2/3 dos 700 mil refugiados árabes foram removidos de uma parte da Palestina para a outra. (ZAVERRUCHA, 2010)

Além disso, existem ideias pré-concebidas a respeito dos países árabes, muitas vezes divulgadas pela mídia, que não favorecem a inserção desses refugiados ao mundo ocidental, como a construção da concepção do Eixo do Mal, como veremos a seguir.

3. GUERRA AO TERROR, O EIXO DO MAL E O PAPEL DA MÍDIA COMO FORMADORA DE OPINIÃO

Principalmente após o 11 de setembro, o mundo voltou seus olhos aos conflitos na região do Oriente Médio. A ameaça de ataques terroristas tornou-se um dos aspectos mais perturbadores na vida contemporânea e o discurso proferido pelo então presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, no qual ele fala sobre a guerra ao terror e o eixo do mal, deu a impressão de que os atos praticados de nada tinham a ver com questões políticas, mas se tratavam de uma luta entre o Bem (EUA e capitalismo) e o Mal (Al-Qaeda, Talibã, Saddam Hussein, qualquer grupo antiamericano ou anticapitalista).

Muitos aderiram a visão de Bush acerca dos preceitos adotados pelo fundamentalismo islâmico e do regime de Saddam Hussein que contradiziam alguns princípios básicos ocidentais, como a liberdade e os direitos humanos. Dessa maneira, eliminando as diferenças (históricas, sociais e políticas) entre as regiões, Bush consolidou sua estratégia a nível doméstico- alcançando sua reeleição- e trouxe ao mundo danos que ainda se desdobram. (WILLIAMS, 2010)

O ex-presidente deu a impressão de que a Al-Qaeda era uma organização islâmica radical de imenso poder com milhões de seguidores ao redor do globo. Ironicamente, sua guerra ao terror ajudou na alienação de cada vez mais muçulmanos em relação ao Ocidente que seguiram o caminho do fundamentalismo e radicalismo islâmico.

Dessa maneira, por ledor engano ou determinação, a guerra ao terror teve como efeito catastrófico o mergulho do mundo árabe e ocidental em conflitos globais cada vez mais profundos, cujas batalhas agora ocorrem com ataques terroristas nas ruas, atingindo a população civil e não mais em distantes campos de batalha com militares preparados para ação.

Por consequência, a postura radicalista de Bush provocou imensa oposição, não somente por parte do mundo árabe, mas também entre milhões de cidadãos de países Ocidentais. De acordo com a política norte-americana adotada, os EUA oprimiram povos de diversas partes do mundo, seja por intervenções militares diretas, ou por imperialismo econômico e cultural. Ataques terroristas foram sigilosamente patrocinados por governos nacionais e houve formação de grupos militares ativistas, práticas de atos terroristas em tentativas absurdas de líderes desses povos oprimidos de trazer atenção mundial às suas causas. (WILLIAMS, 2010)

É compreensível que, diversas vezes a resistência radical a um opressor parece ser a única alternativa plausível. No entanto, ao nos atentarmos aos ataques terroristas contemporâneos, nos deparamos com o fato de que nem sempre eles se adequam a esse padrão salvador: normalmente terroristas não tem o apoio popular e até mesmo matam membros de uma mesma comunidade ou religião.

Aparentemente, o terrorismo tem sido a forma constante de batalha escolhida para o novo século- sem nenhum tipo de acordo ou aval da população civil em questão. E, mesmo com questões de segurança nacionais em constante aprimoramento e discussão, a escala do problema é imensa.

Ater-se a retóricas exageradas, como a praticada por Bush em 2001, nada faz a não ser tornar a situação ainda mais caótica e confusa, criando hiatos cada vez mais profundos e irreparáveis entre o mundo ocidental e o islâmico, acarretando cada vez mais ataques e conflitos avassaladores. Ao mesmo tempo, também não podemos nos apegar a respostas excessivamente simplistas, nas quais os ataques e conflitos atuais ocorrem pelo mundo apenas como resultado de um opressor imperialismo oriundo dos EUA. Pois, embora esse

seja o fator em maior evidência, ataques ocorrem como uma resposta ao complexo mundo moderno.

Dessa forma, não podemos tirar nenhuma conclusão precipitada e significativa acerca dos atuais ataques e embates atuais. Precisamos nos questionar, levantar perguntas e encontrar informações.

É nesse contexto que a visão ocidentalizada e centralizada do mundo, oriunda principalmente das principais agências de notícias, é simplista e perigosa formadora de opinião unicista.

4. A MÍDIA INTERNACIONAL E OS CONFLITOS NO ORIENTE MÉDIO

Dentro do contexto social e histórico apresentado acima, analiso agora como a mídia internacional e brasileira analisam e transmitem os conflitos do Oriente Médio e retrata a realidade dos imigrantes da região. As informações sobre o conflito na região do Oriente Médio geralmente são concedidas a partir de agências internacionais de notícias de países ocidentais, ou seja, temos poucas informações concedidas por agências de países do Oriente Médio. Dessa forma, as informações parecem ser as mesmas, ainda que recorramos a diferentes mídias.

A imprensa brasileira tem pouco acesso às agências locais do mundo árabe e, o intuito de fornecer outras versões sobre os conflitos na região não ocorre, limitando muitas vezes a capacidade de conhecimento do mundo para o cidadão comum e especificamente do conflito no Oriente Médio.

O jornalista que trabalha com o noticiário internacional é muitas vezes o responsável pela construção do conhecimento sobre o mundo já que poucas pessoas têm experiências com outros países e os efeitos das notícias internacionais irão calibrar a sua visão de mundo. (SALINAS, 1984).

Ricardo Viveiros, escritor e jornalista, aponta a necessidade de abordar os fatos sobre os conflitos, principalmente a partir da criação do Estado de Israel, em 1948, momento em que, segundo o autor, o Oriente Médio começa a ocupar intensamente a mídia internacional, a fim de elucidar os “mitos” que são criados sobre a região.

A mídia ocidental geralmente é acusada de ocultar ou distorcer os fatos ocorridos no Oriente Médio, provavelmente pelo seu alinhamento político-ideológico com os EUA e Israel.

Usa-se ideologia, nesse sentido, para indicar como alguns textos e práticas apresentam imagens distorcidas da realidade. Produzem o que às vezes leva o nome de falsa consciência. Tais distorções, como dizem, servem aos interesses dos poderosos contra os interesses dos fracos. Usando essa definição, podemos falar de ideologia capitalista, insinuando a forma como a ideologia oculta a real dominação exercida pelos que têm poder: a classe dominante não se vê como exploradora ou opressora. E, talvez mais importante, a forma como a ideologia esconde a real subordinação daqueles que são fracos: as classes subordinadas não se veem como oprimidas ou exploradas. (STOREY, 2015)

4.1 CONFLITOS NO ORIENTE MÉDIO NA MÍDIA BRASILEIRA

Jornalistas que fazem a cobertura sobre o conflito no Oriente Médio acusam a imprensa brasileira de geralmente ser mais superficial. Para Gabriel Toureg, jornalista judeu e árabe que cobriu alguns conflitos no Oriente Médio, “Fora daqui faz-se jornalismo mais informativo e formador”.

Israel tem o maior número de jornalistas na região, mesmo em tempos de paz. A imprensa brasileira “deixa muito a desejar” isso porque a imprensa brasileira está coberta de “achismos equivocados” e há falta de interesse em “formar e informar” (TOUREG, 2014).

Sabemos que as agências internacionais de notícias abastecem a imprensa impressa transmitindo as informações sobre conflitos internacionais. De acordo com Fábio Sasaki, jornalista e editor do *Almanaque Abril* isso gera dependência e a cobertura torna-se mais homogênea e rasa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como acima apresentado e analisado, podemos afirmar que a mídia ocidental (e principalmente a brasileira) seguem forte viés ao retratarem os conflitos, tradições e situação dos refugiados provenientes do Oriente Médio.

É notável que as informações recebidas provêm da mesma fonte e, uma vez que as informações factuais – vindas do próprio Oriente Médio – são de difícil e compreensão, a população ocidental acaba por ter uma visão enviesada e rasa acerca do que ocorre na região.

Para que essa visão única e tendenciosa não mais seja transmitida ao Ocidente seria necessário um contato e aproximação maior com jornalistas da região. Além disso,

seguindo o princípio básico do jornalismo em não ser subjetivo ao relatar os acontecimentos, os veículos (e, principalmente, agências de notícias que transpassam esses fatos) devem investir e se interessar em um conteúdo mais original e produzido por locais ou, minimamente, deveriam exigir de seus jornalistas uma imersão maior e mais real na região.

Uma análise mais profunda da história nos revela que os atos contra a humanidade sempre horrorizaram o mundo, são atos que existem há séculos, que banalizam a vida, as pessoas e os grupos sociais. Porém, precisamos de uma análise mais profunda sobre esses grupos que usaram e usam a violência contra populações civis num esforço para realizar mudanças por motivos religiosos ou ideológicos.

É necessário obter informações que causem reflexão sobre a evolução da violência no seu mais amplo significado. Só assim é possível atuar face à vulnerabilidade dos atos que nos atinge diariamente.

6. REFERÊNCIAS

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. 2ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2007;

SALINAS, Raquel. *Agencias Transnacionales de Información y el Tercer Mundo*. Quito: The Quito Times, 1984.

ZAVERUCHA, Jorge. *Armadilhas em Gaza. Fundamentalismo islâmicos e guerra de propaganda contra Israel*. Geração Editorial :São Paulo, 2010.

WILLIAMS, Anne; HEAD, Vivian. *Ataques terroristas: a face oculta da vulnerabilidade*. Larousse: São Paulo, 2010. Tradução Débora da Silva Guimarães Isidoro.

COGGIOLA, Osvaldo. *A Revolução Árabe e o Islã*. Edisciplinas USP: São Paulo, 2016.

SOTREY, John. *Teoria cultural e cultura popular: uma introdução*. SESC São Paulo, 2015. Tradução Pedro Barros.

Web:

The UN Refugee Agency (ACNUR). Global Trends: Forced Displacement in 2014: http://www.unhcr.org/556725e69.html#_ga=1.29836028.2126680863.1463688992- acessado em 15 de maio de 2017

O Islamismo no mundo:

http://www.bbc.com/portuguese/especial/1658_islam_world_me/page5.shtml -
acessado em 20 de maio de 2017

O Islã Hoje: http://www.islam.org.br/o_islam_hoje.htm- acessado em 20 de maio de 2017

Os caminhos do Islã no Brasil:

http://istoe.com.br/349181_OS+CAMINHOS+DO+ISLA+NO+BRASIL/

<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/04/em-2050-o-isla-sera-a-maior-religiao-do-mundo.html>- acessado em 20 de maio de 2017

A explosão islâmica: <http://super.abril.com.br/historia/explosao-islamica/> acessado em 20 de maio de 2017

Infográfico do islamismo: <http://exame.abril.com.br/mundo/infografico-islamismo/> -
acessado em 20 de maio de 2017